

Editorial

DOSSIÊ: GERMANOS, DA ANTIGUIDADE AO ANO MIL.

Johnni Langer¹
Luciana de Campos²

“Em minha opinião, os germanos são indígenas (...) incontaminados por casamentos com outras nações” Tácito, *Germânia*, 98 d.C.

Há várias décadas os povos germânicos estão sendo reavaliados pelos acadêmicos europeus. Em vez de apenas serem pensados como os bestiais causadores da derrocada do Império Romano, ou de outro lado, como primitivos e bucólicos habitantes das florestas num contexto quase romântico, as atuais perspectivas exploram suas particularidades enquanto inseridas numa dinâmica de transformações que afetaram todo o Ocidente. Nem bons, nem maus, os germanos são fundamentais para se entender o novo tipo de mundo que teve início entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média: “as sociedades ditas bárbaras têm uma cultura e as que se chamam civilizadas adquirem uma à custa de esforços, para o melhor ou para o pior”,³ considerou Paul Veyne, enquanto que para Peter Burke “O declínio do Império Romano não deve ser considerado a derrota da cultura pelo barbarismo, mas um choque de culturas (...) Por mais paradoxal que possa parecer a expressão, houve uma civilização dos bárbaros”.⁴ Essa reabilitação, por certo,

¹ Pós-Doutor em História Medieval pela USP, professor da UFMA. Coordenador do NEVE, Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos (www.nevevikings.tk). E-mail: johnnilanger@yahoo.com.br

² Mestre em História pela UNESP. Membro do NEVE, Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos e NEMIS, Núcleo de Estudos de Mitologias (<http://gruponemis.blogspot.com>). E-mail: fadacelta@yahoo.com.br

³ VEYNE, Paul. *História da vida privada: do império romano ao ano mil*. Vol. 1. SP: Cia das Letras, 2009, p. 404.

⁴ BURKE, Peter. *Variedade de história cultural*. SP: Civilização Brasileira, 2006, p. 246.

vem colocando também alguns problemas metodológicos e investigativos, como a questão de identidade entre as diversas etnias, a ponto de alguns pesquisadores questionarem uma pretensa unidade lingüística e cultural entre estes povos (a etnogênese) e sua contrapartida, o referencial étnico criado a partir de Roma. A arqueologia neste sentido vem sendo decisiva, concedendo a possibilidade de se contrastar e ou examinar as fontes clássicas com novas perspectivas, indo muito além dos referenciais da *interpretatio romana*.

Em nosso país, uma nova geração de germanistas vem sendo formada, tanto de pessoas advindas das áreas de História e Letras, mas também de Filosofia e Artes, de pesquisadores vinculados aos estudos classicistas quanto medievalistas e orientalistas. Os principais centros de pesquisas, a exemplo da maioria das investigações envolvendo Antiguidade e Medievo, ainda são essencialmente situados no eixo São Paulo e Rio de Janeiro, mas com articulações por todo o país. Em especial, o grupo *Brathair* há cerca de dez anos vem promovendo estudos, publicações e eventos na área, mas atualmente o interesse está sendo ampliado também para os tradicionais laboratórios, núcleos e centros de investigações históricas e arqueológicas. Ressalta-se aqui a criação de grupos novos, como o NEVE, Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos, de caráter interinstitucional, do qual o dossiê apresenta a participação de seis membros.

A presente coletânea é uma mostra das mais recentes investigações sobre os povos germanos, com trabalhos de pesquisadores de diversos locais do Brasil, e proporcionado gentilmente pela equipe do NEA, Núcleo de Estudos da Antiguidade, vinculado à UERJ, que coordena a revista NEARCO.

O primeiro trabalho é de autoria de Ciro Flamarion Cardoso (UFF), um dos grandes nomes da pesquisa em História Antiga de nosso país. Seu artigo, A interpenetração da cosmogonia religiosa com a história entre os escandinavos, investiga como o imaginário religioso nórdico era estreitamente conectado ao mundo social e material, questionando a tradicional separação sócio-espacial entre deuses e homens nas sociedades antigas.



Em seguida, temos o artigo *Os fiordes e as serpentes: definindo espaços guerreiros na saga de Ólaf Trygvasson*, de Pablo Gomes de Miranda (UFRN/NEVE), que tem como objetivo estudar a relação mantida entre os escandinavos da Era Viking com os meios hídricos das regiões onde habitavam, articulando o delineamento de um espaço próprio da cultura guerreira.

Munir Lutfe Ayoub (PUC-SP/NEVE) é autor do próximo artigo, *Um breve debate sobre os primeiros contatos e a formação da Islândia*, no qual examina a historiografia e as controvérsias sobre a colonização escandinava na ilha da Islândia, durante a Alta Idade Média.

Encerrando a coletânea, outro estudo sobre a Islândia, desta vez atentando para o processo de cristianização através das fontes literárias: *Islândia no ano mil d.C.: uma análise segundo o Islendigabók*, de Renato Marra Moreira (UFG/NEVE).

Ao finalizar o dossiê, congratulamos a equipe do NEA pelo espaço, antevendo que o futuro das pesquisas germânicas antigo-medievais em nosso país é muito promissor, seja pela presença cada vez maior de interessados, quanto no amplo diálogo que os centros universitários consolidados podem proporcionar para que o debate e a pesquisa sejam sempre o espírito que move os acadêmicos, independente das instituições que pertençam. Boa leitura!